

## LD e TIC: alguma contradição?



As respostas para a pergunta que suscitamos estão vinculadas a nossa compreensão de globalização, conforme Santos (2001), que fala de globalização, enquanto conjuntos de relações sociais constituídos por relações de poder diferentes e desiguais. Compreendemos a globalização tanto como um processo de integração/inclusão quanto um processo de exclusão: podendo envolver homogeneização e hibridação ou diferenciação e nativização. Ou seja, para nós o contexto atual chamado globalização não é um fenômeno único e monolítico, pois este conceito cobre muitos fenômenos diferentes e até contraditórios. Dada essa afirmação, questionamos: o advento das novas TIC na educação a partir do processo de globalização vai gerar o fim da cultura do livro?

Se pensarmos a juventude, podemos afirmar, de acordo com Barbero (2003), que sim, pois segundo ele, é no mundo dos jovens urbanos que percebemos algumas das mudanças mais profundas e desconcertantes de nossas sociedades contemporâneas: Os pais já não constituem o padrão de comportamento, a escola não é o único lugar legitimado do saber e tampouco o livro é o eixo que articula a cultura. Os jovens vivem hoje a emergência das novas sensibilidades (BARBERO, 2003, p. 66). Sendo assim, perguntamo-nos: o ensino escolar hoje não deve mais estar vinculado a um livro ou a um livro “escolar”? O livro e o LD (livro didático) deixam de ser um dispositivo fundamental na escola a partir das novas TICs? Será que os novos instrumentos das TICs vão gerar o desaparecimento do LD? Com o avanço e expansão das TIC, o LD deixará de ser instrumento decisivo no cotidiano da sala de aula? O LD se tornará um objeto ultrapassado na história da educação?

Essas seriam mudanças desconcertantes para o ambiente escolar. Não acreditamos no fim do uso do LD por alguns motivos: O primeiro motivo é porque o abandono do LD impresso (para além da proposta de um LD digital, que manteria as condições do LD hoje existente) exigiria a invenção de novos modelos de transmissão de saberes e grande autonomia por parte dos professores, o que necessita de alto nível de formação e como sabemos o Brasil ainda deixa muito a desejar na formação e remuneração dos professores (HEBRARD, 2002); Um segundo motivo é que o professor polivalente da escola fundamental nunca será um especialista em tudo o que se deve ensinar, nem é desejável para os alunos mais jovens que ele seja substituído por uma equipe de professores especializados. Portanto, sempre haverá necessidade de apoio desse tipo de instrumento (HEBRARD, 2002).

A presença do LD na sala de aula, como parte integrante da cultura escolar, é tão forte que ele acaba assimilando o que poderia ser uma ameaça à sua sobrevivência. Ao invés de o LD sair de cena ele incorpora as TIC como mais um saber a ser didatizado. Também não acreditamos no fim da cultura do livro. Acreditamos, conforme expõe Chartier (1999), na revolução do livro eletrônico enquanto uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, assim como nas maneiras de ler. Mas, considerando o livro não apenas pelo seu formato físico, mas do ponto de vista do seu conteúdo, podemos dizer que o livro enquanto objeto perde sua antiga densidade na era da informática. O que não nos permite afirmar que a cultura do livro irá desaparecer com as TIC. Do mesmo modo, o ensino escolar, preocupado com a formação da leitura e da escrita, continuará vinculado ao livro e ao LD.

As mudanças nas concepções de tempo, espaço e comunicação propiciadas pelas TIC, como citamos no tópico anterior, devem ser pensadas, a nosso ver, no contexto de ensino e aprendizagem da sala de aula, contribuindo para uma crítica da ciência ocidental, tal como ela se encontra hoje no LD. Reiteramos que acreditamos na contribuição das novas TIC para a comunicação no ensino presencial, com o uso dos hipertextos, por exemplo, mas desde que essa inclusão seja feita de forma consciente, pois a introdução da TIC, sem uma formação especializada dos professores para lidar com esses recursos no processo de ensino-aprendizagem, pode banalizar seu uso, não contribuindo para o tão esperado reencantamento dos alunos pela escola.

O LD pode deixar de ser o principal recurso didático em algumas realidades escolares, compartilhando em igualdade de condições com o uso de outros recursos tecnológicos, mas estará longe de se tornar um representante do arcaísmo pedagógico. Mesmo porque, o saber para ser ensinado-aprendido-avaliado sofre um processo de seleção e

segmentação, ou seja, o saber escolar precisa ser didatizado, a não ser que se mude radicalmente a concepção de escola, porque como afirma Munakata (2010), a relação entre o livro didático e a escola é estrutural e “[...] o livro didático constitui suporte e veículo de praticamente todas as atividades fundamentais da escola.” (MUNAKATA, 2010, p. 224).

Em síntese, o LD continuará integrando a cultura e a tradição escolar brasileira adaptando-se à novas exigências, como já vem fazendo ao longo de sua permanência, enquanto recurso tecnológico de informação na sala de aula, acessível a grande parte de alunos e professores. Pois, o LD, bem como os currículos e programas, representam estratégias sociais e educacionais para a concretização e operacionalização do saber escolarizado. Ressaltamos ainda, a título de conclusão, o papel da escola de fazer uma reflexão ampla sobre o uso das tecnologias em suas práticas pedagógicas, seja o livro didático ou o computador. Dá-lhe reflexão!

**Referência:** Moreira, Kênia Hilda; Rodrigues, Eglen Oliveira Passone. O Livro Didático e as Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação Escolar: o livro didático sobreviverá às novas tecnologias? Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação, Dourados, MS, Jul/Dez 2013 – nº 2, Vol. 1, p. 57-68.